

**TEMPO DE AMAR:
A (DES) CONSTRUÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO**

*Elis Angela Franco Ferreira Santos**

RESUMO: A paixão amorosa é tema recorrente da literatura universal, posto ser um sentimento que, apesar de não ser vivenciado e interpretado do mesmo modo em diferentes épocas e lugares, compõe o quadro dos afetos humanos carregados de significação psicossocial. A literatura, por sua vez, lega-nos diferentes representações amorosas, relacionando-as ao contexto histórico no qual estão inseridos poemas e narrativas. O modelo amoroso romântico, por exemplo, valorizado pela estética romântica, tem sido desconstruído e reconstruído ao longo do tempo. Neste texto, analisaremos como se dá a desconstrução do amor romântico no romance *Tempo de amar*, do escritor Autran Dourado.

PALAVRAS-CHAVE: Autran Dourado; Representação do amor; Romance.

As faces do amor

O ato de amar, assim como outros sentimentos humanos, pode ser encarado como uma representação social, estando sua realização relacionada ao contexto histórico em que se vivencia tal sentimento, visto que não se atribui ao amor o mesmo valor e aceção em todas as épocas e lugares. Termo que abarca diversas definições, a palavra amor ecoa, não em uníssono, dos lares aos bares, sempre carregada de uma força geradora de narrativas sobre acertos, ilusões e desilusões capazes de elevar ou subjugar os seres humanos.

* Professora da Faculdade Dom Luiz Orlenas e Bragança.

A tradição ocidental legou-nos três definições de amor: *Philia*, *Agápe* e *Eros*. Em *O amor* (2011), o filósofo André Comte-Sponville reflete sobre tais conceitos, mostrando que para os gregos o amor *Philia* representava a amizade, podendo esta ocorrer entre pais e filhos, amigos e, até mesmo, entre casais. *Philia* seria então a alegria de amar, o amor-regozijo. Não o amor do que nos falta, mas um amor partilhado, com forte tendência à reciprocidade. *Agápe*, ou amor de caridade, amplamente difundido pela tradição cristã, é relacionado ao amor que vem de Deus e nos impulsiona a agir de modo a não esperar que sejamos correspondidos.

Sobre esse aspecto do amor *Agápe*, o filósofo francês Luc Ferry (2013, p. 72), em *Do amor: uma filosofia para o século XXI*, afirma que *Agápe* é “[...] o amor que vai até o amor pelo inimigo. Um passo dado na direção da gratuidade. Não é mais o amor sem cálculo, como *philia*, é o amor, por assim dizer, ‘anticálculo’, quase irracional, até irracional, no mínimo radicalmente antiutilitarista”. Parece-nos que *Agápe* vem ao nosso encontro quando nos falta *Philia* e *Eros* ou estes perdem a força. Ou seja, agir com *Agápe* não seria agir sempre com amor, mas agir, na maioria das vezes, como se amássemos; agir com generosidade.

Passemos agora ao amor *Eros*, o amor-paixão, abordando-o de forma mais aprofundada que os anteriores, pois é esse o modelo que nos interessa como ponto de partida para a análise aqui proposta. Evidenciaremos a relação entre amor, literatura e sociedade, tendo em vista destacar como o amor-paixão foi transformado em amor romântico e qual foi e tem sido o papel das manifestações artísticas, sobretudo o da literatura, na construção, divulgação e desconstrução de determinados padrões amorosos. Nosso enfoque maior será direcionado ao amor romântico, com ênfase na análise da ficção do escritor Autran Dourado, posto que em sua obra tematiza-se amplamente esse modelo de amor.

***Eros*: o amor-paixão**

Quando falamos em amor-paixão, comumente, ainda que não nos demos conta, retomamos as ideias propagadas pela narrativa mítica de Platão, presente em seu livro *O*

banquete (2011). Nesse texto, narra-se um encontro entre amigos que desejam fazer um elogio a *Eros*. Várias são as definições apresentadas por eles. Entretanto, a que se tornou mais conhecida foi a realizada por Aristófanes, representada pelo mito do andrógino.

Segundo Aristófanes, nos primórdios da humanidade, a raça dos homens era dividida em três sexos, e não em dois como concebemos hoje: homem, mulher e a união dos dois. Criaturas redondas, com quatro mãos e quatro pés, além de duas faces iguais que olhavam em diferentes direções, o que possibilitava uma locomoção mais rápida, poderiam ser formadas por dois homens (filhos do Sol), por duas mulheres (filhas da Terra) ou por um homem e uma mulher (Filhos da Lua).

Tornando-se ambiciosas, resolveram então desafiar os deuses, despertando a fúria de Zeus que, para diminuir o orgulho e a força delas, transformou-as em duas, cortando-as ao meio. Daí advém a busca pela metade perdida, justificando a eterna procura pela completude. Os filhos do Sol e as filhas da Terra envolvem-se em relações homossexuais e os filhos da Lua em relações heterossexuais.

Como afirma José Américo Motta Pessanha (1993, p. 94): “O amor é, assim, não busca pelo semelhante, mas busca da totalidade partida, da unidade quebrada”. Ou seja, na forma *Eros*, a harmonia originária é estabelecida através da união das partes separadas, representada pelo amor-paixão, capaz de desenvolver estratégias de busca por outro ser que traga a ilusão ou promessa de completude.

Além do discurso de Aristófanes, temos a fala de Sócrates, o qual aponta o caráter de incompletude de *Eros*, pois, a partir dos ensinamentos da sacerdotisa Diotima, conhecedora das artimanhas do amor, evidencia que *Eros* não é belo nem feio, nem mau nem bom. Filho de *Pênia*, a pobreza, e de *Poros*, o esperto, ele vive a mendigar o que lhe falta e é capaz de tramar inúmeros estratagemas.

Comte-Sponville (1995, p.247) chama a atenção para o fato de Aristófanes dizer o que gostaríamos de ouvir sobre o amor, enquanto Sócrates nos diz o amor como ele é: carência, incompletude e infelicidade. O mito do andrógino corresponde melhor ao anseio de felicidade que buscamos encontrar no amor. Por isso, quando se pensa caracterís-

ticas do amor-paixão, a versão de Aristófanes ganha maior destaque entre os amantes, os quais, mesmo não conhecendo o mito em si, acreditam na ideia de completude propagada por ele.

Aristófanes justifica os desencontros amorosos, pois, se não for alcançada a felicidade em um relacionamento, a causa pode estar no fato de não ter ocorrido, ainda, o encontro entre os que estavam, desde o princípio, destinados a ser um. Sócrates nos tira do sonho, da fantasia. O amor sendo carente não poderá nunca ser completude. *Eros* herdou a pobreza de *Pênia*, dessa maneira, sempre lhe faltará algo, nunca estará pleno de si. Sendo assim, enquanto o *Eros* de Aristófanes conduz as metades à união, o de Diotima será sempre errância, visto não poder existir onde há completude e satisfação.

O amor romântico

A fim de diferenciarmos o amor-paixão do simples desejo sexual, tomamos a definição de Branden (1982, p. 55), para quem aquela é um “[...] vínculo passional espiritual-emocional-sexual [...]”, entre os parceiros. Cabe salientar que tal vínculo nem sempre esteve relacionado ao casamento e à ideia de união eterna, marcada pela fidelidade do casal. Nas sociedades primitivas, por exemplo, a união dava-se em termos de necessidades práticas: pesca, caça, criação dos filhos etc.

Na Grécia, o casamento era apenas uma maneira de legar filhos ao Estado e à religião, sendo mais valorizadas as uniões homossexuais. Em Roma, o casamento passou a ser regido por leis que garantissem a preservação da propriedade. Com a decadência do Império Romano e a ascensão do Cristianismo, o amor assume uma dimensão em que o prazer sexual é fortemente hostilizado, assim como já o fora pelos seguidores do estoicismo, neoplatonismo e misticismo. A partir do Renascimento, com o crescimento do comércio e o desenvolvimento de uma classe média, ressurgem novas “[...] possibilidades e valores da existência terrena. O antagonismo religioso pelas possibilidades da vida secular, pouco a pouco, e de modo sutil, foi sendo minado” (BRANDEN, 1982, p. 34).

Como assegura Branden, se no Renascimento a visão de casamento de outrora ainda era comum, já se percebe na literatura dessa época, sobretudo em textos de Shakespeare, a ideia de que o amor deveria ser uma das condições para a união entre o casal. Desse modo, há um esforço para conciliar amor e casamento.

Por muito tempo, o amor passional ocupou o espaço da transgressão, do adulto. Através da análise do mito de Tristão e Isolda, Rougemont (1988) fala sobre essa relação, mostrando como esse mito apresenta algumas características do amor romântico: o amor não nasce pela vontade dos amantes, a distância alimenta a paixão, o sofrimento e dificuldade de concretização são partes integrantes. Vários são os testemunhos literários que nos dão conta dos diferentes discursos amorosos. No caso do modelo romântico de amor, *O sofrimento do jovem Werther*, de Goethe, é modelar, e a estética romântica (final do séc. XVIII e início do XIX) teve acentuada importância no que concerne à divulgação do modelo romântico de amor, visto que nas obras desse período atribui-se a homens e mulheres o direito de fazerem suas escolhas, valorizando a paixão individual e o controle pessoal sobre suas vidas.

Enquanto que o amor palaciano havia sido altamente formalizado, convencionalizado e ritualizado, os românticos do século dezoito celebraram a idiossincrasia e a “naturalidade” da paixão. Sua visão do amor era a do desejo de união entre duas almas profundamente individualistas, que possuíam uma semelhança espiritual fundamental; de forma que era da maior importância encontrar a “alma gêmea”, escolher a pessoa indicada. (BRANDEN, 1982, p. 42)

O amor propagado por poetas e romancistas do Romantismo é marcado pela desmedida e sofrimento, sendo a morte um dos finais mais recorrentes, ocorrendo de modo voluntário ou não. Assim, as relações passionais são intensificadas justamente pela dificuldade de realização advinda de impedimentos diversos. Para Branden (1982, p. 43), o impacto da visão romântica de amor causado pelo Romantismo deveu-se, sobretudo, pela “[...] visão da natureza da vida, do mundo, da natureza humana e das possibilidades de existência”, as quais se diferenciavam da visão da produção literária ocidental anterior.

Nesse período, o que favoreceu a intensificação do sofrimento amoroso foi uma mudança de perspectiva no que tange à visão da liberdade humana, pois, antes do movimento romântico, o tema eleito pela literatura era o “destino”, ou seja, homens e mulheres não eram responsáveis pelo seu fracasso ou êxito, não tinha controle sobre o curso de suas vidas. Com o Romantismo ocorria o inverso: tinham a liberdade para interferir e modificar o rumo de suas vidas, enfrentando os desafios e barreiras a fim de conquistarem seus objetivos, ainda que não obtivessem êxito. O sofrimento revelava, então, um descontentamento com a não realização amorosa.

O amor romântico exige, e a visão do século dezenove não conseguiu alcançar, é uma integração da razão e da paixão — um equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, com o qual os seres humanos possam conviver. Para exprimir o mesmo pensamento de outro modo; o que o amor romântico exige, e os escritores românticos não conseguiram dar, é realismo psicológico. (BRANDEN, 1982, p. 46).

Se até então o amor passional era típico do espaço extraconjugal, do adultério — justamente por ser o espaço da dificuldade de realização — na segunda metade século XIX ele surge enquanto modelo ideal de felicidade a dois e base para o casamento; como valor cultural aceito e difundido, ou seja, paixão e casamento começam a andar paralelamente, fator preponderante para a estabilidade social. O século XIX serve-nos como base para pensarmos na relação entre amor romântico e casamento enquanto um modelo culturalmente almejado por nossa sociedade, o que não quer dizer que antes não tenha existido tal relação ou que, posteriormente, os casamentos por interesse deixaram de ocorrer.

O amor romântico, diferentemente da paixão amorosa apenas, é, segundo Dorival Altini (2005, p. 62-63), embasado por alguns mitos: o mito da meia laranja (a união do casal estava predestinada); mito da exclusividade (só se pode amar uma única pessoa); mito da convivência (a relação passional deve conduzir a uma convivência); mito da onipotência (o amor supera todos os obstáculos); mito da paixão eterna (a paixão deve durar mesmo após anos de convivência); mito da fidelidade (não é permitida a relação com ou-

tras pessoas); mito do livre arbítrio (o sentimento amoroso não sofre influências externas, é uma escolha íntima); mito da equivalência (amor e namoro são equivalentes); mito do emparelhamento (vê a união entre o casal, a parilha, como algo natural em todas as épocas e culturas) e o mito do ciúme (o ciúme é requisito indispensável na relação amorosa). Segundo Altini, essas são crenças ilusórias (mentiras), paradoxais e problemáticas, as quais, ao contrário de fortalecer os relacionamentos, causam sérios conflitos.

Observa-se que ainda hoje há a tentativa de domesticar a paixão, de domá-la; este louco ideal de felicidade a dois faz parte do pensamento ocidental. Aqueles que celebram o amor-paixão desejam restituir a unidade partida, por isso, buscam sua metade e fantasiavam o amor único e eterno. Os movidos pelos mitos apontados por Altini não suportam a ausência, não aceitam o rompimento; fazem do parceiro ou parceira a razão pela qual devem permanecer vivos e, quando deixam de ser correspondidos, são capazes de cometer os mais graves atos de ciúmes, ou seja, “O amor romântico é o amor da desmedida” (BORGES, 2004, p, 20).

Diferenciando o amor romântico e o amor-paixão, podemos dizer que o amor romântico é a nossa visão construída sobre o amor-paixão. Se a paixão existe de fato, sentimento às vezes avassalador, o amor romântico é o modo como algumas pessoas idealizam a relação passional, propondo para ela uma duração eterna, um vínculo duradouro, transformando-a em uma relação estável, na qual o casamento é um destino desejado por muitos. Segundo: o amor romântico é a crença na duração do amor-paixão. Uma pessoa movida pelo amor-paixão não necessariamente é romântica. Ela pode encarar a paixão como algo que pode não durar e, por isso, supera com mais segurança o fim de uma relação.

A paixão pode nos atingir variadas vezes e de forma tão intensa quanto a primeira. Não esperemos que ela dure uma eternidade. No campo da paixão não há o “até que a morte nos separe”. Talvez, devêssemos nos contentar com um “que seja sadia enquanto dure”, já que muitos a consideram uma doença da alma. Dorival Altini (2005, p. 20), por exemplo, vê o apaixonamento como um “[...] sentimento levado a alto grau de intensida-

de, de desordem emocional perturbadora e de ausência de controle, sobrepondo-se à lucidez e à razão”. E se a paixão tem duração determinada, recorre-se a outras estratégias para que uma união não seja desfeita, caso contrário, não teríamos inúmeros testemunhos de relacionamentos findados apenas pela interferência da morte.

Passemos à análise específica da desconstrução do ideal romântico de amor, a partir da leitura da prosa de Autran Dourado.

Tempo de amar: a perdição do amor

A narrativa de *Tempo de amar* é composta por três blocos. Escrito em terceira pessoa, o romance mescla o discurso direto e indireto, além dos monólogos interiores que permitem ao leitor conhecer o pensamento das personagens. O primeiro, denominado “Os retratos”, é subdividido em doze capítulos e apresenta a fase inicial da vida adulta de Ismael, até o momento em que ele, pressionado pelos pais, aceita trabalhar em um cartório da cidade. Os *flashbacks* presentes nesse bloco retomam a fase da infância e adolescência do rapaz; a vida familiar na Fazenda dos Mamotes e a lembrança da morte da irmã Ursulina, vítima de um afogamento ainda criança. Os episódios ocorrem na mítica cidade de Cercado Velho, destacando a solidão de Ismael, os laços que a família mantinha com os mortos, o que fica evidente através dos retratos na parede e nos álbuns e das cerimônias realizadas anualmente na data de morte de Ursulina.

Destaca-se ainda a difícil relação entre Ismael e os pais: “Detestava ficar em casa perto dos pais; a presença do pai incomodava-o angustiosamente, os olhos da mãe causavam-lhe dor, como fome no prato” (DOURADO, 2004, p. 76); a chegada da tia Evangelina e prima Tarsila na cidade, a ida de Ismael aos dozes anos para o internato e o início do relacionamento entre ele e Paula.

O segundo bloco, denominado “Constelação”, é subdividido em sete capítulos. Narra-se a história da jovem Paula, moça determinada, que sofre preconceito por ser filha bastada e de uma ex-prostituta; a aproximação entre Tarsila e Ismael e o amor que ela nutre em segredo pelo primo; o fortalecimento da relação entre Paula e Ismael, a qual cul-

mina na primeira cena sexual do casal, e o desejo da jovem em abandonar a cidade com o namorado.

O terceiro e último bloco chama-se “As divindades obscuras” e subdivide-se em dezessete capítulos. Ismael, mesmo contra sua vontade, fixou-se no cartório onde conheceu o misterioso Gonçalo, homem que acaba cometendo um assassinato. Ismael mostra-se interessando por Tarsila, por isso, afasta-se de Paula. Ela, ao descobrir que está grávida, decide abandonar Cercado Velho, mas não conta com o apoio do pai de seu filho e, em uma atitude de desespero e coragem, parte sozinha.

Paula era uma moça pobre, duplamente estigmatizada pelos moradores da cidade, por ser filha bastada e de uma ex-prostituta, amasiada com Conrado. Durante a infância, teve que conviver com a chacota das crianças e, na juventude, com a discriminação dos moradores, os quais evitavam o contato com ela. Assim como Ismael, ela não tem uma boa convivência com a família, vive em conflito com o companheiro da mãe, um homem bêbado que não a trata bem.

É assim que os dois se aproximam e buscam o alívio e o consolo um no outro: “No início, fazia dois anos, procurou Ismael como um meio de vencer a cidade, por um capricho, para levar à frente a luta que mantinha em silêncio” (DOURADO, 2004, p. 93). Dois seres sufocados pelo ambiente da pequena cidade do interior, cujos destinos solitários se atraíram. Para Ismael, “Só Paula é diferente dessa gente. Ela era muito sozinha, tinha o espírito, ou melhor — a carne, dos que são ligados à terra, às suas sombras sanguíneas. Era corajosa, enfrentava os homens numa luta feroz, e tinha uns olhos tão lindos, embora tristes” (DOURADO, 2004, p. 88). Os dois passam a se encontrar nas ruínas de uma igreja ou no quarto de Paula, no entanto, Ismael não assume publicamente a relação, certamente pela história de vida da jovem.

Seu espírito precisava de ar, não o ar da cidade que ela odiava; sua carne, seu sangue reclamavam amor, não o amor deprimente que a mãe encontrara, ou a entrega silenciosa das casadas de Cercado Velho. Queria entregar-se, mas com toda a força do corpo e da

alma, sem sentir depois nenhum remorso o coração. (DOURADO, 2004, p. 119)

Ao analisar o segundo bloco dessa narrativa, “A constelação”, Costa chama a atenção para a imagem do primeiro encontro sexual entre o casal, ocorrido em uma igreja abandonada e sob o céu que iluminava a noite, destacando a dicotomia entre o espaço amplo e aberto do céu e a clausura da igreja em ruínas e a relação dessas imagens com as personagens envolvidas:

O jovem casal, embora nada pressinta, terá seu destino assinalado pela dicotomia embutida na amplidão celeste e a clausura do templo em construção. Paula simboliza o céu que se expande mundo afora, já Ismael o encarcerado em si mesmo. O movimento antitético, constante na narrativa de Autran Dourado, mostra aí um pouco de sua gênese. Há, invariavelmente na obra desse mineiro, um emparelhamento de criaturas opostas que vivem histórias comuns. A singularidade da abordagem é que chama a atenção, a firmeza com que trabalha a zona de intercessão que une os díspares. Num aprimorado movimento tangencial, Autran Dourado coloca lado a lado as criaturas mais estranhas, vivendo as mais profundas intimidades. (COSTA, 2008, f. 89)

Apesar de considerá-la uma mulher forte, decidida, ele a trata como todos os outros moradores, afinal, faz com que permaneça na mesma posição indigna a qual a sociedade a condenou: “Ismael evitava andar muito com ela pela cidade, afrontar os preconceitos, a boca miúda do povo” (DOURADO, 2004, p. 144). Enquanto Ismael vê nos encontros uma possibilidade de livrar-se da solidão, Paula projeta um futuro distante, longe do olhar perverso do povo; deseja que ele seja parte dessa nova história, por isso, o convida a fugir da cidade. Ele, por não ter coragem de assumir a sua a decisão em permanecer, afirma que seguirá com a jovem, mas adia a fuga constantemente, apoiando-se na desculpa da doença da mãe e da falta de dinheiro para começar uma nova vida longe de Cerca do Velho. Desse modo, começa a se afastar de Paula, tornando os encontros mais espaçados.

Na ausência de Ismael, a jovem se entrega à leitura de *Madame Bovary* (1856), livro que lhe fora emprestado por ele. Parece-nos significativo a escolha dessa obra pelo rapaz, afinal, o que Flaubert desejou com esse romance não foi criticar os românticamente apaixonados? Os que alimentam na vida empírica os sonhos e idealizações de uma literatura romântica? Ismael não estaria querendo mostrar para Paula o absurdo que era o seu modo de amar e em que poderia resultar tal sentimento?

Paula alimenta algumas crenças apontadas por Altini (2005) como características do amor romântico, as quais já foram descritas anteriormente. Ela deseja a convivência com Ismael e crê que o amor pode superar todos os obstáculos, o que fica evidente em seu desejo de partir, mesmo não tendo as condições de subsistência necessárias. Ismael, mesmo a amando, sentia-se mal com o amor que ela nutria por ele, um amor que exigia respostas, atitudes: “Enquanto andava, Ismael ia pensando. Por que não ia embora logo com Paula já que o amava? Às vezes, temia que os outros o amassem, era uma obrigação terrível” (DOURADO, 2004, p. 90). O que o jovem deseja era um amor que não exigisse decisões, uma amor sem conflitos: “Procurou imaginá-la sem problemas que tivesse de resolver, que o angustiavam” (DOURADO, 2004, p. 83). O amor para ele não seria salvação, assim como ela concebia. Ele a amava porque ela completava o que nele faltava:

Certamente era a esperança que Paula guardava no coração. O desejo de abandonar a cidade, a certeza com que sonhava que faziam Ismael amá-la, a parte que lhe faltava. Sim, amava-a, naquele instante tinha certeza; amava-a porque era bela, porque era diferente dele, porque tinha grandes sonhos no coração. (DOURADO, 2004, p. 97)

Foram esses os sonhos que a fizeram ter esperança em partir com Ismael, mesmo quando ele decidiu aceitar o cargo no cartório, e recebê-lo durante à noite, em seu quarto, sem o conhecimento da mãe. No entanto, a paixão que a atingia já não era a mesma em Ismael: “Os dias de puro amor, a vida selvagem do corpo, deram lugar a uma lenta estagnação. Durou a sede do corpo, a fome, pouco mais de três meses” (DOURA-

DO, 2004, p. 143). O fato de ele se distanciar dela após os encontros sexuais não significa que fosse mal intencionado.

De fato, Ismael nutria por ela um sentimento, gostava de sua companhia, amava-a ao seu jeito. Porém, à medida que Paula passou a exigir dele uma decisão em relação à fuga da cidade, ele se vê obrigado a afastar-se da jovem, por não conseguir libertar-se da tutela familiar e viver autenticamente. Ao contrário dele, Paula sabia o que não queria para a sua vida. Sabia que era melhor correr os riscos da mudança do que aceitar passivamente seu destino.

Paula também sofria a pressão da cidade, desejava a mesma vida que ele. Só que o coração dela era mais puro para aquela vida. Que significavam as viagens para ela senão um movimento do coração? Ela poderia viver, não tinha dúvidas de que seguiria seu rumo sozinha, se ele fracassasse, se não fosse capaz de segui-la. (DOURADO, 2004, p. 116)

As visitas que Ismael fazia à Paula foram sendo substituídas por encontros no Bordel da Ponte. As “mulheres da vida” não exigiam nada dele. Estavam ali para cumprir a sua função. Elas não significavam nenhum perigo para a jovem. A atitude de Ismael não é vista com bons olhos pelo amigo Gonçalo: “As mulheres do bordel não exigem nada de você mesmo. Se isola delas e elas não reclamam, até gostam. *Nenhuma exige que renuncie, nenhuma quer também participar de sua vida.* (DOURADO, 2004, p. 151, grifos nossos)”.

A sensação de abandono e humilhação que dominava Paula só foi intensificada quando percebeu que Tarsila, prima de Ismael, poderia ser a causa do afastamento dele. Segundo Barthes (2003, p. 25, itálico do autor), “O sujeito amoroso, ao sabor de tal ou qual contingência, sente-se tomado pelo medo de um perigo, de um ferimento, de um abandono, de uma reviravolta – sentimento que ele exprime sob o nome de angústia”.

Tarsila era filha da tia Evangelina, mulher romântica que casou contra a vontade dos pais e partiu de Cercado Velho. Anos depois, sem que ninguém soubesse a verdadeira causa, ela retorna à cidade, trazendo a filha, ainda criança, consigo: “A história de tia Evangelina fazia parte da crônica da família. Vinha envolta em mistério, porque ela jamais

contou nada a ninguém. Celeste costumava imaginar o que ela devia ter passado” (DOURADO, 2004, p. 105). Assim como fora Evangelina, Tarsila também era romântica. Lia escondido *Amor de perdição*, leitura proibida pela mãe: “Diz que sonho demais, que o livro é de uma paixão mórbida que não se usa mais...” (DOURADO, 2004, p. 109).

O livro proibido é a novela mais popular do escritor português Camilo Castelo Branco (1825-1890), publicada em 1862, em que se narra a relação passionnal ocorrida na primeira década do século XIX, entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, jovens que são impedidos de se relacionarem devido às rixas familiares. Descoberta a paixão entre eles, o pai de Teresa insiste em casá-la com o primo Baltasar Coutinho e, como ela não aceita, é levada a um convento. Por sua vez, Simão, sem o conhecimento dos pais, abandona os estudos em Coimbra na tentativa de libertar a amada.

É com o apoio João da Cruz, ferrador que deve favores tanto à família de Teresa quanto à de Simão, que o jovem segue em sua empreitada. Nesse momento da narrativa, entra em cena Mariana, filha do ferrador. Ela é a peça que faltava para compor o triângulo amoroso, pois, ao dedicar seus cuidados a Simão, acaba por ele se apaixonando, tornando-se, no entanto, não uma rival de Teresa, mas cúmplice de Simão, ajudando-o a se comunicar, através de cartas, com a amada. No dia em que Teresa será transferida do convento de Viseu para o de Monchique, Simão aparece e desentende-se com Baltazar. Instaure-se então o clímax da narrativa, o qual resulta no assassinato de Baltazar. João tenta dar fuga a Simão, mas ele não aceita; confessa publicamente o assassinato e aceita a punição da prisão. Tornam-se, assim, os dois amantes prisioneiros: Teresa no convento de Monchique e Simão na Cadeia da Relação do Porto.

Simão é condenado à forca, recebendo tardiamente o auxílio do pai, corregedor de Viseu, que consegue substituir a penalidade da forca pela do degredo nas Índias. Durante o período em que está preso, ele conta com o auxílio financeiro e com os cuidados de Mariana. Diversas são as cartas trocadas pelos amantes, todas carregadas por um exacerbado sentimentalismo em que deixam claro que, distantes um do outro, a vida será impossível. O final se concretiza quando da partida de Simão para o exílio. Ao avistar, do

mirante do convento, a embarcação onde o amado segue, Teresa, já enferma, falece. Ao tomar conhecimento da morte da amada, o jovem não resiste à dor da perda e morre. Mariana, que resolvera partir para o exílio com Simão, sucumbe à morte do amado e suicida-se, atirando-se ao mar e, abraçada ao cadáver, é tragada pelas águas. Como assegura Carlos Alberto Veichi (1994, p.64-65),

Em Amor de perdição, as pressões sofridas por Simão e Teresa, no sentido de que renunciem ao amor que os une, criam situações críticas e irreversíveis, como é o caso do assassinato de Baltazar por Simão. Presos à razão superior do amor, a princípios de dignidade e honra fundamentados no culto do individualismo romântico, o par amoroso resiste a todos os obstáculos e assume integralmente a consequência de seus atos. [...] Não obstante breves esmorecimentos, saem fortalecidos desse embate e conseguem suportar o sofrimento até o fim, sem ceder. Tal comportamento estoico fá-los ingressar numa ordem superior, do sublime, próxima do sagrado [...].

O triângulo amoroso reforça a ligação entre paixão romântica e morte. Os três amantes não resistem à ausência. Teresa, por exemplo, consegue melhorar da enfermidade logo que recebe a notícia de que Simão não mais irá para a forca. No entanto, ao vê-lo partir e com ele a esperança do amor, sucumbe e morre. Do mesmo modo ocorre com Simão e a filha do ferrador.

Voltando ao romance *Tempo de amar*, percebemos que a fala de Evangelina citada anteriormente, sem dúvida, está relacionada à sua experiência amorosa. Ela mesma sentiu na pele os desganhos do amor romântico e faria o possível para que a filha não enveredasse pelo mesmo caminho. O romantismo de Tarsila a fez criticar a frieza com a qual o primo dizia amar Paula. Para ela, “[...] o amor deve ser alguma coisa mais forte, mais arrebadora, que participa de todos os nossos pensamentos, de todo o nosso corpo, que nos consome. Podemos até morrer por ele” (DOURADO, 2004, p. 111).

É esse arrebatamento que a toma ao perceber a presença de Ismael na igreja: “Sentia-se feliz, o coração batia tremendamente no peito. E soube naquele instante que estava amando” (DOURADO, 2004, p. 104). Ele, por sua vez, passa a notá-la de forma

diferente: “Aos poucos, a inquietação nascia no peito de Ismael. Jamais notara a prima como agora, sempre lhe parecia distante, uma flor que se desmancha ao contato dos dedos, etérea. Estimava-a, é verdade, mas uma estima feita de pena e do costume de vê-la” (DOURADO, 2004, p. 104). O modo de ser de Tarsila, a relação dela com a família, esses e outros aspectos os aproximam. O narrador parece penetrar a consciência de Ismael, sondar-lhe o íntimo, capturando suas sensações e pensamentos, nos revelando, assim, os possíveis motivos da paixão entre os primos se consumar:

[...] Tarsila lhe dava paz. Nunca a deixaram viver a própria vida, suportar os riscos dos seres humanos ligados à terra: o seu destino era o que os outros queriam. Ele poderia servir-se dela, ela o obedeceria. Sentia-se desprezível. *Tarsila não exigia amor, decisão, heroísmo, força perante a vida; não exigia nada daquilo que ele não podia dar.* (DOURADO, 2004, p. 193, grifo nosso)

Por ser Tarsila uma leitora de *Amor de Perdição*, poderíamos supor que ela se comportasse como Mariana, personagem dessa novela, que ajuda o amado, Simão Botelho, mesmo sabendo do amor que ele nutria por Teresa. Tarsila, ao ser incitada por Ismael a se aproximar de Paula e tornar-se sua amiga, assim responde: “Ismael, me perdoe, mas penso que não teria coragem. Sou fraca demais” (DOURADO, 2004, p. 112).

Autran Dourado, ao se utilizar da tradição literária, mobiliza significados, desvia-se do texto fonte, parodia. Assim como Mariana, personagem do português, Tarsila será a terceira peça do triângulo amoroso. No entanto, como já dito, Dourado atribui a ela um comportamento diferente. Apaixonada, Tarsila passa a se relacionar de outra maneira com o mundo: “Ela tomava parte nas coisas que estavam acontecendo. Mesmo uma planta, uma flor, um pequeno verme que passasse no jardim era como uma parte dela que estivesse a brilhar na vida imperceptível das coisas minúsculas, ganhando relevo novo na sua consciência” (DOURADO, 2004, p. 162). Sua mãe, que outrora havia sofrido as delusões do romântico amor, percebe através do comportamento da filha que algo de novo toma posse de seu espírito: “Ela nunca foi assim, ela nunca foi assim, pensava Evangelina com raiva, torcendo os dedos. Sim, alguma coisa está acontecendo com ela. Mas não sa-

bia o que era. Devia ser essa coisa ridícula chamada amor [...]” (DOURADO, 2004, p. 166). Evangelina ridiculariza o amor que a fizera vítima.

Por experiência própria, conhecia a dor de amor e temia o sofrimento da filha. O ideal romântico, após a desilusão sofrida, tornou-se algo a ser combatido, banido das relações. Sua visão amorosa modificara-se: “O amor era uma coisa ridícula, senão dolorosa” (DOURADO, 2004, p. 167). Ela assume uma postura anterior ao fortalecimento do pensamento romântico, em que amor e casamento não estavam relacionados.

Evangelina desejava que ela [Tarsila] cassasse sem amor, friamente, como alguém que cumpre um dever apenas por cumpri-lo. O amor perderia a alma da filha, tinha certeza disso. No seu espírito, a palavra amor adquiria um sentido todo especial, tão triste, tão doloroso que não gostava ao menos lembrá-la. (DOURADO, 2004, p. 168)

Pressionada pela mãe, Tarsila, em prantos, confessa o amor pelo primo. Evangelina, temendo as desventuras futuras, “[...] concluiu que era preciso casá-la o mais breve possível, antes que a sua alma estivesse irremediavelmente perdida” (DOURADO, 2004, p. 168). A narrativa não volta a tratar de Tarsila, desse modo, não é possível saber se ela chegou a se relacionar com o primo, casou-se sem amor, como era o desejo da mãe, ou seguiu outros rumos. O final aberto incita-nos a continuar mentalmente a narrativa, dando à personagem o destino que julgamos conveniente.

No mesmo período em que Ismael percebe-se atraído pela prima, Paula sente os sintomas da gravidez e desespera-se ao pensar nos acontecimentos futuros: “Ismael tinha de se decidir de uma vez por todas. Não era possível que continuasse por mais tempo na dependência dele, sacrificando tudo, a própria vida, por uma demora que não se justificava” (DOURADO, 2004, p. 158). Nesse momento de descoberta e medo da personagem, a voz narradora evidencia algumas características atribuídas à paixão: irracionalidade, loucura e cegueira.

Só naquele momento, que sondara o corpo para se descobrir, dava conta de toda a sua vida. Enquanto viveu intensamente a sua paixão, *não pudera analisá-la*, afundada na sua *loucura*. Com clareza começava a ver suas relações com Ismael, o perigo que corria. Vivera demais a própria vida, não pudera conhecê-la. (DOURADO, 2004, p. 159, grifos nossos)

Cada vez que se lembrava da possibilidade de Ismael e Tarsila estar se relacionando, crescia nela um forte ciúme.

Sentia todos contra ela, como se tudo obedecesse a um plano cuidadosamente preparado. Via claro: aquele brilho nos olhos de Tarsila só podia ser amor. E procurava recordar os olhos de Ismael para ver neles algum indício. Nada, nenhum sinal. Desesperava-se. Decerto ela não reparara direito. Que podia se, senão o amor da outra, a indiferença, a frieza com que ele a tratava? Certamente, certamente, os dois estavam amando. (DOURADO, 2004, p. 160)

A descoberta da gravidez gera temor e desconsolo em Paula. Ela sente com intensidade o ambiente hostil onde vivia, a condenação da cidade que recaía sobre ela: pagava pela conduta da mãe. Não suportaria vê a história de Cacilda se repetir nela. O cerco no qual os habitantes da cidade as colocavam pesava em suas almas. Neste ponto da narrativa, a voz narradora aproveita para criticar a condição da mulher em uma sociedade patriarcal e moralista. “Era duro para uma moça vencer sozinha um mundo hostil e agressivo, criado há séculos pelos homens, um mundo de preconceitos, de ressentimentos, de frustrações, onde mulheres só podiam viver submissas ou sob a proteção vergonhosa dos pais ou maridos” (DOURADO, 2004, p. 179).

O que nos chama a atenção em Paula é a sua intensidade. Amou romanticamente a Ismael, entregou-se a ele por acreditar que seria a sua salvação, não recuou em seus propósitos. Ela, ao contrário dele, não nasceu para a sujeição. Tinha a coragem dos que recebem da vida, com igual ardor, os malefícios e benefícios. Em meio aos tumultos do coração, ao abandono de Ismael e à gravidez indesejada, pensa em suicídio e aborto, no entanto, era a vida que lhe importava: aceitaria tudo, modificaria o que fosse capaz. Co-

nhecendo a fraqueza de Ismael, ela tenta esquecê-lo. Muda a perspectiva de seu ideal amoroso, na tentativa de justificar a possibilidade de partir sozinha, de ser definitivamente abandonada.

Quando estava longe, podia pensar que não o amava, chegava mesmo a odiá-lo. Porque o seu amor exigia sempre um objeto. Punha em dúvida o seu amor. “Não, nunca o amei, não o amo, sou capaz de passar o resto de minha vida sem vê-lo”, Como chegava mesmo a odiá-lo em certos momentos! Quando pensava nele em termos de distância, quando os corpos estavam separados. Mas os olhos escuros de Ismael, a sua presença, o contato no escuro, a voz penetrando-a, deixavam-na inútil, sem vontade, sem força. (DOURADO, 2004, p. 182)

Só abandonando os ideais românticos é que ela seria capaz de conviver com a ausência de Ismael. Por isso, esforça-se para conceber o amor em outros termos. Pensa então no amor platônico, não enquanto impossível, como este é concebido vulgarmente. Mas, como o amor do Amor, da essência e não da aparência, o qual o objeto serve apenas para que o sentimento repouse, desse modo, o objeto em si não tem importância, podendo ser indistintamente qualquer pessoa.

Paula deixava o pensamento vagar. O amor, desde que se destacava do objeto, transformando-se em puro fato, podia ser raciocinado, julgado mesmo cristalino. O pensado tinha quase a consistência dos objetos. Havia disparidade entre o ser que produziu o amor e o próprio amor. Ela não podia compreender Ismael na distância; sentia que ele poderia até morrer que não teria importância. O que importava era a essência do amor que lhe dera. Talvez mesmo sem ele fosse possível. (DOURADO, 2004, p. 183)

A saída encontrada para informar a Ismael sobre o seu desejo de partir da cidade foi escrever uma carta comunicando a data e horário da partida, já que ele não mais a visitava. Na carta, ela afirma ainda amá-lo, por isso, o interesse que ele partisse junto, mas deixava claro que “[...] o amor não a cegara inteiramente, não a cegara a ponto de fazê-la jogar a vida pela janela, inutilmente. Porque não tinha muita ilusão sobre o seu procedi-

mento” (DOURADO, 2004, p. 201). No entanto, Paula alimentava o romantismo, pois acreditava que se Ismael a amasse, poderiam superar os sofrimentos e adversidades. Ela não o informa sobre a gravidez, apenas diz que algo importante ocorreu na vida dela. A escrita contraditória, ora marcada pelo romantismo que ainda cultivava, ora fugindo dele, encerra-se de forma enfática, precisa, sem sinal de vacilação: “Esperarei por você na estação; se não aparecer, irei mesmo sozinha. Até logo, ou adeus. Esqueça-me” (DOURADO, 2004, p. 202).

No dia e horário marcados, Paula segue para a estação de trem, onde embarcaria para São Paulo. Mesmo Ismael não aparecendo, não lhe faltou coragem para seguir: “Eu sabia que ele não vinha, disse a si mesma, olhando em direção à porta de entrada da estação. Melhor, irei sozinha” (DOURADO, 2004, p. 206). Agora era só ela e o fruto que carregava no ventre. Paula soubera romper os limites de Cercado velho, ao contrário de Ismael. Não desejava o mesmo futuro solitário para o filho ou filha que nasceria de suas entranhas. Não mais o desejo de suicídio: Madame Bovary ficara para trás.

Ela parte. Ele a observa escondido, incapaz de manejar o destino, a tudo se sujeitando. Estaria condenado a conviver com sua fraqueza e covardia, a lembrar-se tristemente da coragem de Paula.

Para onde irá ela? Que será depois? O mundo está cheio de mulheres, mas não de mulheres como Paula. Ismael mal podia pensar claramente: estava abatido, sentia-se covarde. Não cuidava que Paula trazia um filho no ventre. Se soubesse, é bem possível que tremesse ao imaginar que podia fazer alguém viver uma vida como a sua. [...] Tinha certeza de que um dia, quando se deitasse sobre os olhos de Tarsila, veria, boiando, a sombra verde dos olhos de Paula. [...] Apesar da extrema tristeza dos olhos, estava bela demais para que Ismael pudesse esquecê-la. Caminhava para a vida, o que aumentava ainda mais o Sofrimento de Ismael (realmente sofria), sufocava-o. (DOURADO, 2004, p. 207)

Após a partida de Paula, Ismael se dirige para o Bordel da Ponte. Continuará sua vida envolta em silêncio; preso ao seio familiar, às lembranças passadas, de mortos e de vivos. Jamais se ligaria ao presente, às circunstâncias que o tirassem do mundo se

sombras em que vivia. A errância era o seu destino, não desejava mudar o curso do rio. Ao analisar o comportamento de Ismael, Costa (2008, f. 84) afirma:

Os planos sempre fracassam à iminência de mudanças. Parece que a moldura psíquico-social que aprisiona o indivíduo não lhe permite romper com o estabelecido. É isso que fica evidenciado nessa história de amor que embala o romance. Ismael, embora condenado a murmurar o nome Paula, como o da mulher mais forte que passara por sua vida, não consegue fugir nem à mesmice da cidadezinha, nem da apatia de seu cotidiano.

Em seu primeiro romance, Autran Dourado evidencia o modelo de amor romântico e, através das vozes de suas personagens, destaca as características atribuídas a tal modelo: a intensidade das emoções, a necessidade de convivência, a perda da racionalidade, o ciúme, o amor como salvação, a crença de que o amor vence todos os obstáculos. Encontramos nas personagens, Paula e Tarsila, resquícios do ideal romântico de amor, presente nas leituras que ambas realizam. A narrativa pune Paula com o abandono e Evangelina com sofrimento e desilusão. Quanto a Tarsila, sabe-se apenas o desejo da mãe em proibir o relacionamento dela com o primo.

Considerações finais

Observando o diálogo coma a novela *Amor de Perdição* e estabelecendo relações entre as personagens dos dois textos, vemos em Paula a figura de Teresa. Assim como a personagem de Camilo Castelo Branco, ela é de uma força incrível. Já Tarsila, a nova Mariana, distingue-se desta, pois não é capaz de ser cúmplice na relação entre Paula e o primo. Se pensarmos em Ismael enquanto o Simão de Autran Dourado, perceberemos que Dourado desconstrói todo o heroísmo de Simão Botelho. Enquanto a personagem de Camilo Castelo Branco entrega-se à paixão com intensidade, além de ser capaz de desobedecer aos pais para proteger sua honra de amante, Ismael é o oposto dele.

Logo no início de *Amor de perdição* temos que Simão Botelho “Amou, perdeu-se e morreu amando” (CASTELO BRANCO, 2006, p. 17). Em *Tempo de amar*, o amor e a

perdição não levam à morte. O desfecho trágico da novela portuguesa é resultado da desmedida¹ com que agem os envolvidos. Tanto Teresa quanto Simão pensam individualmente, não buscam manter o equilíbrio proposto pelo núcleo familiar, o que culmina na passagem da boa para a má sorte: “[...] o pobre moço perdera honra, reabilitação, pádua, liberdade, irmãs, mãe, vida, tudo por amor da primeira mulher que o despertou do seu dormir de inocentes desejos” (CASTELO BRANCO, 2006, p. 17).

Ismael é o contrário dele, pois permite que Paula parta sozinha e, por covardia ou não, opta por trabalhar no cartório, cumprindo, dessa maneira, a vontade do pai. Quanto a Paula, não há nenhum motivo familiar que a impeça de viver com Ismael. Além disso, ela sabe o momento certo de recuar, de não mais insistir na relação. Percebe-se que Autran Dourado dissolve na narrativa os elementos que poderiam conduzir ao final trágico — considerando aqui o trágico como um acontecimento negativo capaz de mudar a sorte de uma pessoa, o qual pode culminar ou não em morte. Se observarmos bem, tanto Ismael quanto Paula não mudam de sorte. Suas vidas já são marcadas pelo infortúnio antes deles se relacionarem: Ismael é um rapaz solitário, psicologicamente abalado pela morte da irmã, tendo que conviver com o fracasso financeiro do pai; Paula sofre o estigma de ser filha bastarda e de uma ex-prostituta.

Simão Botelho cumpre bem o papel do herói romântico, pois acredita ser capaz de conduzir o rumo de sua vida, ir de encontro à ordem estabelecida. Sua dignidade consiste em não fugir dos infortúnios (a prisão, a forca, o exílio) causados pela intensidade com a qual se entregou à paixão. As mortes de Simão, Teresa e Mariana, longe de representarem o fracasso da paixão, simbolizam sua vitória, visto que é por/de amor que morreram. Ismael, ao contrário, é vencido e cumpre o desejo do pai. Resiste ao ardor da paixão.

¹ Segundo Junito de Souza Brandão (1996, p. 12), um dos elementos significativos das tragédias gregas é a ultrapassagem do *métron*, a prática das *dêmesures*. Assim, a fuga da medida, dos códigos estabelecidos, conduz ao infortúnio, à punição.

Um século separa os episódios da novela portuguesa (início do século XIX) dos episódios de *Tempo de amar* (início do século XX) e, mesmo que na pequena cidade de Cercado Velho encontremos resquícios dos preconceitos e costumes presentes na novela aqui analisada, os tempos são outros: morrer de ou por amor já não faz mais sentido. Desse modo, Paula e Evangelina representam a crítica ao amor romântico, à medida que Autran Dourado as faz refletir sobre o ridículo que é o apaixonamento. Paula rompe o ciclo da paixão, rejeita a submissão e nem mesmo usa a gravidez como motivo para conquistar definitivamente a Ismael. Tema recorrente, o amor romântico aparece na ficção desse autor a partir de vozes dissonantes, visto que há um entrechoque de comportamentos, ora tendendo para a afirmação dos mitos que embasam tal concepção amorosa, ora negando-os. Com um título ainda marcadamente romântico, Dourado não nos dá o fim definitivo das personagens, o que só será possível quatro décadas depois, através do romance *Ópera dos fantoches* (1995), reescrita dessa experiência romanesca inicial.

TEMPO DE AMAR: LA (DES) CONSTRUCTION DE L'AMOUR ROMANTIQUE

RÉSUMÉ: La passion amoureuse est un thème récurrent de la littérature universel, parce que c'est un sentiment que, n'est pas connu et interprété de même mode dans différents temps et lieux, constitue le cadre des affections humaines chargées signification psychosociale. La littérature, à son tour, nous lègue différentes représentations amoureuses, en les reliant au contexte historique dans lequel ils sont insérés des poèmes et des récits. Le modèle romantique d'amour, par exemple, apprécié pour son esthétique romantique, il a été déconstruit et reconstruit au fil du temps. Dans cet article, nous analysons comment est la déconstruction de l'amour romantique dans le roman *Tempo de amar*, par l'écrivain Autran Dourado.

MOTS-CLÉS: Autran Dourado; Représentation de l'amour; Romance.

REFERÊNCIAS

- ALTINI, Dorival. *O amor no século XXI: novas estratégias*. Porto Alegre: Evengraf, 2005.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 2004.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRANDEN, Nathaniel. *A psicologia do amor romântico*. Tradução de Ernani Pavaneli Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*. São Paulo: Ática, 2006.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O amor*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- DOURADO, Autran. *Tempo de amar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- FERRY, Luc. *Do amor: uma filosofia para o século XXI*. Tradução de Rejane Janowitzter. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.
- PESSANHA, José Américo Motta. Platão: As várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio [et al]. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 77-103.
- PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Donald Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- SANTOS, Leonor da Costa. *Autran Dourado em romance puxa romance ou a ficção recorrente*. 2008. 214f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas- Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/SantosLC.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.
- VECHI, Carlos Alberto [et al.]. *A literatura portuguesa em perspectiva: romantismo e realismo*. São Paulo: Atlas, 1994.

Recebido em 16/11/2014.
Aprovado em 11/01/2015.